

EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água/Conceição Evaristo.** 1. ed. Rio de Janeiro, Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2016.

OLHOS D'ÁGUA, UM MERGULHO FRIO NA REALIDADE CRUEL DO COTIDIANO DENTRO DAS COMUNIDADES MARGINALIZADAS

Geovana Cameron Silva Pegado
Universidade Federal de Campina Grande
geovana.12c@gmail.com

A violência e discriminação racial no Brasil é um assunto pertinente para a contemporaneidade, entretanto, a autoria e visibilidade negra é silenciada, reforçando e perpetuando essa marginalização. Tal repertório é discorrido na obra *Olhos D'água*, publicada em 2016, dividida em: prefácio, introdução e 15 contos. Conceição Evaristo trabalha a representatividade da população negra trazendo à tona os preconceitos e discriminações vividas por essa comunidade, como também elementos de religiões matriz africanas, resgatando, desse modo, sua ancestralidade. A autora escreve muito da realidade em que viveu, tornando-se, assim, uma grande marca da escritora a “Escrevivência”, que cria um bordado textual de narrativas familiares.

A escritora nasceu em uma favela da zona sul de Belo Horizonte. Teve que conciliar os estudos com o trabalho como empregada doméstica, até concluir o curso normal, em 1971, já aos 25 anos. Mudou-se então para o Rio de Janeiro, onde passou num concurso público e estudou letras na UFRJ (1990), mestra em Letras pela PUC Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1996) e doutora em Letras (Literatura Comparada) pela UFF Universidade Federal Fluminense (2011). Atua nas áreas de Literatura e Educação, com ênfase em gênero e etnia. É também assessora e consultora em assuntos afro-brasileiros para pesquisadores brasileiros e estrangeiros. Poetisa, romancista e ensaísta. Parte de sua produção poética aparece em *Cadernos Negros*, publicação do Grupo Quilomboje, de São Paulo. Autora dos romances *Ponciá Vicêncio*, *Becos da memória*, etc; Antologia poética *Poemas da recordação e outros movimentos* e Antologia de Contos *Insubmissas lágrimas de mulheres* e *Olhos D'água*. O romance *Ponciá Vicêncio* tem sido indicado como obra de leitura em vestibulares de universidades brasileiras. Em 2007, foi traduzido para a língua inglesa e está em processo de tradução para a língua francesa.

No prefácio, *Minha mãe sempre costurou a vida com fios de ferro*, Heloisa Toller Gomes, faz um parecer sobre o livro indicando temas recorrentes ao longo da obra, preparando o leitor e o instigando para sua leitura. Ela comenta sobre as relações dos contos que seguem entre denúncia e celebração, ou seja, entre morte e vida, objeto da narrativa da Conceição Evaristo. Retomando os conceitos sobre escrevivência construído pela autora, que cria um estilo único a partir de suas vivências, assim “escrever é uma maneira de sangrar”, expor e fazer os leitores sentirem no decorrer do texto os efeitos dessas experiências.

A introdução, Jurema Werneck comenta sobre o livro, fazendo uma apresentação das figuras femininas negras, essas que vivem em um cenário de discriminação, porém, nos textos de Evaristo possuem voz e personalidade. Logo após, levanta a relação entre Shakespeare e as personagens da obra, trazendo este aporte referencial ao texto. Werneck escreve “a palavra que movimenta a existência”, frase representativa para a reflexão da escrita de Conceição Evaristo, que usa a palavra para dar voz a contextos “invisíveis” na sociedade. A forma como é apresentado o livro é bem interessante, a partir do olhar de duas intelectuais que conhecem a temática. Apresentam e discorrem sobre a obra de forma leve e curta, ponto que gostei bastante, pois, o leitor comprehende o estilo da autora, e obra, mas o mesmo não corre o risco de desperdiçar tempo com uma apresentação repleta de informações.

Inicia-se a leitura da seção de contos com *Olhos d'água*, que intitula o livro. Neste texto é apresentado um dilema quando a personagem se questiona “De que cor eram os olhos de minha mãe”, navegando em lembranças, a filha revive memórias com sua mãe na tentativa de lembrar a cor de seus olhos. Histórias da infância, brincadeiras, e uma vivência dura convivendo com a fome. A filha que narra a história vive em outra realidade no contexto da indagação, por meio dessa dúvida, decide rever sua mãe. Ao encontrá-la não consegue ver cores, apenas lágrimas, logo comprehende que sua mãe tinha olhos d'água, e relaciona as águas de Mamãe Oxum. Conceição Evaristo, retrata de forma poética a vivência com a desigualdade social, no entanto, resgata a ancestralidade desta comunidade, sendo assim não há apenas um retrato do sofrimento, mas de resistência. Então, o conto que nomeia o livro é representativo das demais histórias e narrativas apresentadas, que tem esse poder de dar protagonismo ao cotidiano invisível.

A obra conta com outros 14 contos que misturam a vivência da experiência narrada, e a realidade vivida. Os nove primeiros têm mulheres como protagonistas, enquanto os quatro últimos são histórias narradas por homens. Ao leitor que aprecia esta experiência, adiantamos que ele poderá ser impactado pela diversas histórias narradas por personagens. Como Maria, no conto *Maria*, que só queria levar frutas para seus filhos e ao ser confundida como assaltante é brutalmente assassinada em um ônibus. Em *Zaita esqueceu de guardar os brinquedos*, a criança *Zaita* procurava sua figurinha de flor nas ruas da comunidade em que morava, mas acabou sendo alvo de um tiroteio. Quantas dessas histórias são familiares? Quantas têm uma matéria especial na televisão ou jornais? Sendo assim, as personagens que lidam e convivem com esse sofrimento, compartilham seus sentimentos, apresentando pessoas que sonham, desejam e sentem como qualquer ser humano. Estas vozes resistem muitas vezes por meio da ancestralidade e fé; a autora não repete a narrativa de “vítima”, mas desconstrói e provoca o sistema, quando as personagens reagem e enfrentam, correndo atrás do que querem e amam. Aproximando o leitor dessas vivências, criando esse laço de dor e empatia, quando acessamos aos pensamentos dos protagonistas, desvinculando da manipulação e julgamento do senso comum.

Conceição Evaristo costura e constrói sua narrativa a partir desse desconforto, adentrando em histórias reais e cotidianas em meio a ficção. Sendo assim, *Olhos d'água* modifica completamente nosso olhar sobre o mundo, a violência e desigualdade são apresentadas diferentes do que é televisionado; na narrativa são apresentadas pessoas, não estatísticas, vozes que expressam suas lágrimas. O leitor veste os olhos dos personagens; e, por um momento, sente na pele o peso do preconceito, da pobreza; e da discriminação, sendo bem impactante, incentivando-nos à reflexão. Logo, é uma obra bastante relevante

que acompanha essa virada na literatura em que há a presença de histórias contadas por povos negros, dando voz as suas dores, que são acolhidas e reconhecidas.

O livro em destaque, é recomendado a todos que precisam dessa água fria, ao mergulhar no rio de *Olhos d'água*, a qual vivem nesse sistema dividido em classes, repleto de discriminação racial, convidando-nos à essa mudança de perspectiva. Assim como, ao conhecimento de uma literatura decolonial, escrita por uma mulher negra apresentando personagens fortes e resistentes, que combatem e sobrevivem ao sistema, desconstruindo, portanto, padrões.